

A 3D topographic map of South America, showing the continent's terrain with green for lowlands and brown for highlands. The map is oriented vertically, with the northern part at the top and the southern part at the bottom. The southern tip shows the Andes mountain range with snow-capped peaks. The map is set against a white background with a subtle orange border.

Adilson Tadeu Basquerote  
(Organizador)

# Geografia:

A superfície do planeta Terra  
em análise 2



Adilson Tadeu Basquerote  
(Organizador)

# Geografia:

A superfície do planeta Terra  
em análise 2

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

*Open access publication* by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Geografia: a superfície do planeta Terra em análise 2

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaidy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Adilson Tadeu Basquerote

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G345 Geografia: a superfície do planeta Terra em análise 2 /  
Organizador Adilson Tadeu Basquerote. – Ponta Grossa  
- PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0751-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.515220411>

1. Geografia física da Terra. I. Basquerote, Adilson  
Tadeu (Organizador). II. Título.

CDD 910.02

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A obra: **“Geografia: A superfície do planeta Terra em análise 2”**, apresenta pesquisas que se debruçam sobre a compreensão dos fenômenos sociais, os processos de ensino e de aprendizagem, nas suas distintas dimensões, apresentando como pano de fundo as ações humanas como campo de estudo e reflexão. Composto por relevantes estudos que debatem temáticas que envolvem atualidades e que permitem olhares interdisciplinares sobre a Ciência Geográfica.

Partindo desse entendimento, o livro composto por seis capítulos, resultantes de estudos empíricos e teóricos, de distintos pesquisadores de instituições e regiões brasileiras e uma cubana, apresenta pesquisas que interrelacionam Ciências Humanas às pessoas e às relações sociais no centro da observação, da teoria, da pesquisa e do ensino. Entre os temas abordados, predominam análises sobre o turismo, desenvolvimento territorial, rock e música, Geotecnologias, metodologias ativas, geotecnologias, entre outros.

Nessa perspectiva, o capítulo número um, **O TURISMO RELIGIOSO COMO ALTERNATIVA ECONÔMICA: ESTUDO DE CASO DO COMPLEXO TURÍSTICO DE SANTA RITA DE CÁSSIA EM SANTA CRUZ/RN**, escrito por Erick Luiz Medeiros da Costa, José Jadson dos Santos Silva que analisou o turismo religioso como uma alternativa econômica para o município potiguar de Santa Cruz, bem como seus impactos positivos e negativos, e seu real efeito para a economia desta cidade. Os autores concluíram que o complexo turístico dinamiza a economia local a partir de incentivos feitos pela Prefeitura, pela Secretária Municipal de Turismo e Desenvolvimento Econômico e pelo SEBRAE.

O capítulo número 2, **REFLEXÕES GEOECONOMICAS A PARTIR DA PANDEMIA DO COVID 19: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O BRASIL**, redigido por Paulo Ernesto Lopes Rickli e Sandra Lúcia Videira Gois analisou de maneira geral os indicadores socioeconômicos do Brasil a partir da pandemia do Covid-19 e relacionou com o período anterior para refletir sobre as implicações da pandemia, além de relacionar a necropolítica com as políticas adotadas no país. Os dados evidenciaram que as políticas adotadas foram pouco eficientes para a economia do país, com queda do Produto Interno Bruto (PIB) e aumento do desemprego, dentre outros.

**Modelo de Ordenamiento Ambiental Sostenible en Ecosistemas Frágiles de Montaña: Un Estudio de Caso en Guantánamo, Cuba** é o terceiro capítulo escrito por Náyade Sainz Amador, Lic. Luisa Gertrudis Montoya Cotilla, Adilson Tadeu Basquerote, Guillermo Lemes Mojena e Eduardo Pimentel Menezes. Nele, os autores é propõem um modelo de gestão ambiental sustentável em explorações agrícolas de agroecossistemas de montanha, apresentando propostas de utilização por cada sistema ambiental, que contribuam para a sustentabilidade do desenvolvimento nas práticas agrícolas. Revelou-se a possibilidade de incorporar a dimensão ambiental no processo de ordenamento do



território, que fornece propostas de uso ambientalmente recomendado, de acordo com seu potencial, recursos disponíveis e sua resiliência às Mudanças Climáticas por meio de um SIG.

Com objetivo compreender as interfaces dos territórios fluídos elaborados por estes festivais independentes, em sua composição material, que considera a música como um produto comercial e também como experiência simbólica, por grupos culturais minoritários que se expressam na espacialidade por meio de suas dinâmicas culturais, em específico, por meio da música, quarto capítulo, denominado: **O Rock Independente Em Terras Sertanejas: Territorialidades Da Música Alternativa No Interior De Goiás**, é apresentado por Marcos Roberto Pereira Moura. Nele, o autor concluiu que produtores musicais e público compõem uma paisagem urbana diferenciada nas cidades do interior goiano, trazendo uma nova identidade, contraditória ao estilo sertanejo, afirmando a constituição de novos territórios, ainda que efêmeros. Acreditamos que tal pesquisa nos possibilitará o contanto com grupos culturais, abrindo caminho para a possibilidade de reconhecer formas alternativas de produção e apropriação do espaço urbano quanto às práticas culturais.

No quinto capítulo, **@LLAKI: PRODUÇÃO DE SOFTWARE BASEADO EM DADOS GEOMÁTICOS DA FRONTEIRA**, Rodrigo Freire dos Santos Alencar e João Batista Alves de Souza criaram por meio @llaki um sistema de informações geográficas para divulgação do turismo na fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Os autores concluíram o produto f=gerado pelo @llaki é uma fonte confiável e segura de todos os locais cadastrados, promovendo a visibilidade de regiões que não estão inseridas em mecanismos de pesquisa, proporcionando maior alternativa para a população turística e regional.

No sexto capítulo, Damião Amity Fagundes e Ana Eugenia González Chena apresentam a pesquisa: **METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO-APRENDIZAGEM: A UTILIZAÇÃO DO APLICATIVO MAPCHART EM SALA DE AULA NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA**, que avaliou que práticas exitosas em sala de aula realizadas pelo aplicativo MapChart, pode ser uma forma de valorizar a disciplina de Geografia no mundo da Cultura Digital. Os autores constataram que por meio de práticas motivadoras podemos resgatar o papel da Geografia enquanto disciplina central do processo de ensino aprendizagem.

Para mais, destacamos a importância da socialização dos temas apresentados, como forma de visibilizar os estudos realizados sob dissemelhantes perspectivas. Nesse sentido, a Atena Editora, se configura como uma instituição que possibilita a divulgação científica de forma qualificada e segura.

Que a leitura seja convidativa!

Adilson Tadeu Basquerote


## SUMÁRIO

### CAPÍTULO 1..... 1

O TURISMO RELIGIOSO COMO ALTERNATIVA ECONÔMICA: ESTUDO DE CASO DO COMPLEXO TURÍSTICO DE SANTA RITA DE CÁSSIA EM SANTA CRUZ/RN

Erick Luiz Medeiros da Costa

José Jadson dos Santos Silva


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5152204111>

### CAPÍTULO 2..... 9

REFLEXÕES GEOECONOMICAS A PARTIR DA PANDEMIA DO COVID 19: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O BRASIL

Paulo Ernesto Lopes Rickli

Sandra Lúcia Videira Gois

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5152204112>

### CAPÍTULO 3..... 25

MODELO DE ORDENAMIENTO AMBIENTAL SOSTENIBLE EN ECOSISTEMAS FRÁGILES DE MONTAÑA: UN ESTUDIO DE CASO EN GUANTÁNAMO, CUBA


Náyade Sainz Amador

Luisa Gertrudis Montoya Cotilla

Adilson Tadeu Basquerote

Guillermo Lemes Mojena


Eduardo Pimentel Menezes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5152204113>

### CAPÍTULO 4..... 34

O ROCK INDEPENDENTE EM TERRAS SERTANEJAS: TERRITORIALIDADES DA MÚSICA ALTERNATIVA NO INTERIOR DE GOIÁS

Marcos Roberto Pereira Moura


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5152204114>

### CAPÍTULO 5..... 47

@LLAKI: PRODUÇÃO DE SOFTWARE BASEADO EM DADOS GEOMÁTICOS DA FRONTEIRA

Rodrigo Freire dos Santos Alencar

João Batista Alves de Souza


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5152204115>

### CAPÍTULO 6..... 61

METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO-APRENDIZAGEM: A UTILIZAÇÃO DO APLICATIVO MAPCHART EM SALA DE AULA NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

Damião Amiti Fagundes

Ana Eugenia González Chena

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5152204116>

<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>71</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>72</b>

# CAPÍTULO 4

## O ROCK INDEPENDENTE EM TERRAS SERTANEJAS: TERRITORIALIDADES DA MÚSICA ALTERNATIVA NO INTERIOR DE GOIÁS

*Data de aceite: 01/11/2022*

*Data de submissão: 09/09/2022*

### Marcos Roberto Pereira Moura

Universidade Estadual de Goiás/UnU Porangatu (docente) e Universidade de Brasília (doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia) Porangatu – Goiás  
<http://lattes.cnpq.br/6766958441661476>

**RESUMO:** A música, como produto cultural a acompanhar a existência humana, expressa grande riqueza de símbolos e significados. Dialogando com o interior humano, adquirindo maior evidência, nas últimas décadas, entre as pesquisas acadêmicas, a música tem se notabilizado como importante temática nos campos de estudo da ciência geográfica. No Brasil, durante as duas últimas décadas, diversos gêneros musicais têm sido retratados em diversas pesquisas no âmbito da Geografia (PANITZ, 2012). E como ressalta Cosgrove (2004), para interpretamos o simbolismo da paisagem, podemos recorrer aos produtos culturais, entre eles, a música. Para Panitz (2012), esse talvez seja o produto cultural mais presente no cotidiano dos indivíduos, dando sentido ao mundo ou às narrativas cotidianas. A capacidade de produzir espacialidades diversas, expressando o domínio dos grupos dominantes ou mesmo a resistência de grupos de poder político-econômico minoritário, pode ser efetuada por meio da música. As cidades

de Porangatu e Uruaçu, localizadas no norte de Goiás, localidades que se encontram em um estado nacionalmente reconhecido por lançar duplas sertanejas no mercado, apresentam interessante articulação de grupos culturais, dedicados a inserirem no cenário musical desses territórios o rock alternativo. Outras cidades do interior goiano também se destacam pelos festivais de rock alternativo, como Iporá, Inhumas. Os festivais de música independente ocuparam o espaço urbano de várias cidades de Goiás, principalmente entre os anos de 2007 e 2014, compondo um projeto colaborativo, denominado Festival Grito Rock, que levou essa experiência de evento a vários municípios do país, sendo também realizado em outros países. Nos palcos desses festivais se apresentaram bandas que, distantes de contratos vultosos com as gravadoras, possuem composições originais, apresentando-se como produções pouco comerciais. No entanto, estes festivais propõem territórios fluídos na paisagem urbana, que divergem da habitual apropriação territorial efetuada predominantemente pela música sertaneja. Este trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-graduação em Geografia da UnB e tem como objetivo compreender as interfaces dos territórios fluídos elaborados por estes festivais independentes, em sua composição material, que considera a música como um produto comercial e também como experiência simbólica, por grupos culturais minoritários que se expressam na espacialidade por meio de suas dinâmicas culturais, em específico, por meio da música. Foram realizados trabalhos de campo

em Porangatu e Uruaçu, bem como pesquisas em sites de coletivos culturais responsáveis pela realização de festivais independentes de música. Tais coletivos musicais empregam seus esforços em promover eventos que possam dar visibilidade a um estilo musical que não conta com uma persuasão de massa, o rock. Produtores musicais e público compõem uma paisagem urbana diferenciada nas cidades do interior goiano, trazendo uma nova identidade, contraditória ao estilo sertanejo, afirmando a constituição de novos territórios, ainda que efêmeros. Acreditamos que tal pesquisa nos possibilitará o contanto com grupos culturais, abrindo caminho para a possibilidade de reconhecer formas alternativas de produção e apropriação do espaço urbano quanto às práticas culturais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Música, Festivais independentes, Territorialidades, Rock.

### INDEPENDENT ROCK IN COUNTRYSIDE LAND: TERRITORIALITIES OF ALTERNATIVE MUSIC IN THE INTERIOR OF GOIÁS

**ABSTRACT:** Music, as a cultural product accompanying human existence, expresses a great wealth of symbols and meanings. Dialoging with the human interior, acquiring more evidence, in the last decades, between the academic researches, the music has been notable like important subject in the fields of study of the geographic science. In Brazil, during the last two decades, several musical genres have been portrayed in several researches in the field of Geography (PANITZ, 2016). And as Cosgrove points out (2004), to interpret the symbolism of the landscape, we can turn to cultural products, among them, music. For Panitz (2012), this may be the cultural product most present in the daily lives of individuals, giving meaning to the world or daily narratives. The ability to produce diverse spatiality, expressing dominance by dominant groups or even resistance by minority political-economic power groups, can be effected through music. The cities of Porangatu and Uruaçu, located in the north of Goiás, localities that are in a state nationally recognized for launching sertanejas double in the market, present interesting articulation of cultural groups, dedicated to insert in the musical scene of these territories the alternative rock. Other cities in the interior of Goiás also stand out for the alternative rock festivals, like Iporá, Inhumas. The independent music festivals occupied the urban space of several cities of Goiás, mainly between the years of 2007 and 2014, composing a collaborative project, called Festival Grito Rock, that took this experience of event to several municipalities of the country, being also realized in other countries. In the stages of these festivals bands have appeared that, far from contracts with the record companies, have original compositions, presenting themselves as commercial productions. However, these festivals propose fluid territories in the urban landscape, which diverge from the usual territorial appropriation effected mainly by sertaneja music. This work is part of a doctoral research in progress in the Postgraduate Program in Geography of UnB and aims to understand the interfaces of fluid territories elaborated by these independent festivals, in their material composition, which considers music as a commercial product and also as a symbolic experience, by minority cultural groups that express themselves in spatiality through their cultural dynamics, specifically through music. Fieldwork was carried out in Porangatu and Uruaçu, as well as research on sites of cultural collectives responsible for holding independent music festivals. Such musical collectives employ their efforts in promoting events that can give visibility to a musical style that does not count on a mass persuasion, the rock. Music producers and public make up a differentiated urban landscape in the cities of the interior of

Goiás, bringing a new identity, contradictory to the sertanejo style, affirming the constitution of new territories, although ephemeral ones. We believe that such research will enable us with cultural groups, paving the way for the possibility of recognizing alternative forms of production and appropriation of the urban space as well as cultural practices.

**KEYWORDS:** Music, Independent Festivals, Territorialities, Rock.

## 1 | INTRODUÇÃO

Era 1998, momento em que se experimentava, entre os geógrafos, uma geografia cultural renovada, processo que se inicia a partir dos anos 1970, Carney fazia um balanço de três décadas de pesquisas a respeito da abordagem geográfico-cultural da música. Naquele momento, o geógrafo comemorava a consolidação desse campo de estudo, evidenciado pelo aumento vertiginoso de artigos publicados em respeitadas revistas internacionais e anais de eventos (CARNEY, 1998). Do auto de sua análise, ao regozijar-se pela pluralidade de pesquisas no subcampo que lhe motivava, o autor lança a pergunta: O que o futuro reserva para a geografia musical?

Depois de mais de duas décadas, floresceram diversas abordagens a respeito da geografia da música, relacionados a instigantes temáticas. Esse trabalho a investigar os festivais de rock alternativo pelo interior de Goiás é uma demonstração de como esse campo de pesquisa é capaz de englobar, cada vez mais, novas nuances da relação entre música e espaço. Pois, como lembra Kong (1995), a música pode ser tanto uma experiência, como o resultado da experiência espacial.

Assim, o objetivo desse estudo é apresentar como os festivais de rock independente são responsáveis por gerar outras formas de territorialidades por meio de um novo gênero musical, em um território cuja música dominante é a sertaneja. A busca por referências bibliográficas contou com autores de várias nacionalidades, já que no Brasil, as discussões a respeito de geografia e música não avançaram tanto quanto em outros países, apesar de termos importantes trabalhos de geógrafos brasileiros nesse campo de pesquisa. Também foi realizado trabalho de campo de observação participante nas cidades de Uruaçu e Porangatu.

O presente artigo está estruturado da seguinte forma: Na seção dois, é destacado um breve panorama dos estudos em geografia da música; na seção três, ressalta-se o potencial de estudo dos festivais e cenas musicais para geografia; na seção quatro, expõe-se as territorialidades dos festivais alternativos em cidades do interior de Goiás, como Porangatu e Uruaçu.

Espera-se, com esse estudo ampliar as perspectivas de investigações sobre a geografia da música, demonstrando que os festivais podem caracterizar-se como importantes espaços de resistência, propondo o questionamento e a elaboração de novas identidades.

## 2 | HISTÓRICO DA GEOGRAFIA DA MÚSICA

A geografia tem se esforçado, principalmente a partir da década de 1980, por estabelecer a espacialidade de manifestações culturais. A expectativa por entender as formas como a cultura transforma o espaço e influencia as ações e simbolismos, tem levado a ciência geográfica a buscar amparo em outras ciências sociais, que tem avançado um pouco mais em relação aos elementos da cultura e sua interação com o indivíduo e a vida cotidiana. Pois, como afirma Claval (1999, p. 65), “aquilo que as pessoas recebem do mundo que as circundam, ou aquilo que elas experimentam é limitado espacialmente e traz a marca de uma época”.

Em relação às diferentes direções que podem tomar a pesquisa na ciência geográfica “há, em realidade, inúmeros caminhos a serem trilhados pelos geógrafos” afiança Corrêa e Rosendahl (2003, p. 13). A renovação da geografia cultural na década de 1980 trouxe grandes perspectivas para a investigação tanto da dimensão material como não-material da cultura.

Em 1968, surgiu o primeiro artigo escrito por um geógrafo tratando da geografia da música, escrito por Peter Hugh Nash, o texto intitulava-se *Music Regions and Regional Music*. Dois anos depois, Jeffrey Gordon publicava *Rock-and-Roll: A Diffusion Study*, o primeiro trabalho de mestrado em geografia da música. Com trabalhos posteriores, consolidava-se aquilo que consideravam um novo subcampo da geografia cultural (CARNEY, 1998).

Contudo, Panitz (2017, p 22) reforça que “ao contrário do que se possa imaginar, quando tratamos de manifestações culturais e espaço geográfico, o interesse geográfico pela música não aparece no giro cultural dos anos 1980”. O autor considera que Ratzel e seu discípulo Frobenius (etnólogo e arqueólogo africanista), são responsáveis pelos primeiros estudos que relacionavam música e geografia. Ainda vale ressaltar que a *antropogeografia* fundada por Ratzel forneceu bases para que Frobenius efetuasse uma pesquisa focada apenas nos aspectos materiais da música, que caracterizou diferenças regionais a partir da forma como os nativos fabricavam seus instrumentos musicais, como tambores (REYNOSO, 2006).

Quando chegamos à década de 1990, não há dúvidas de que a maior evolução qualitativa da geografia da música se dá nesse período. A conferência “*The Place of Music*” organizada pelo Instituto de Geógrafos Britânicos contribui para um cenário de importantes obras, como um livro homônimo que traz valiosas discussões, como a apresentada crítica a visão de uma cultura homogeneizada, entendendo que “longe de ser um espaço cultural homogêneo, o terreno da música popular é confrontado com espaços alternativos de produção musical e resistência cultural” (LEYSHON et al 1998, p. 428). Em uma contribuição que talvez seja a mais importante para a geografia da música nos anos 1990, Kong, geógrafa senegalesa, apresenta como o estudo da música pode retratar as lutas travadas por países periféricos contra uma cultura dominante, mostrando que a

música pode se apresentar como manifestação de resistência contra imposições de valores e identidades (KONG, 1995).

No escopo de uma “antropologia sonora”, Pinto (2001, p. 223) nos fornece importantes constatações a respeito do promissor potencial investigativo da música quando nos lembra que

o fato de permear tantos momentos nas vidas das pessoas, de organizar calendários festivos e religiosos, de inserir-se nas manifestações tradicionais, representando, simultaneamente, um produto de altíssimo valor comercial, quando veiculada pelas mídias e globalizando o mundo no nível sonoro, faz da música um assunto complexo e rico de possibilidades para a investigação

O espaço torna-se importante cenário, que não é estático, mas interage com as ações humanas. A vida cotidiana segue em meio às diversas manifestações culturais, a música, como uma destas, torna-se reflexo das relações humanas entre si e com o espaço. As relações entre geografia e música são bastante visíveis, de maneira que a música é constituída em diferentes configurações espaciais, muitas vezes descrevendo as nuances de díspares territórios. Apesar disso, Panitz (2012, p.2) assevera que

A geografia da música, apesar de quase um século de existência oficial, só recentemente tem tido a devida atenção dos geógrafos interessados no estudo da cultura e das manifestações artísticas em sua dimensão espacial [...] no âmbito iberoamericano verifica-se sua pouca difusão, com exceção do Brasil, onde se encontra um considerável número de teses e dissertações produzidas nos últimos vinte anos, além de artigos e traduções de artigos semanais na temática.

A importância da música como campo de estudos a favorecer o decifrar da produção de identidades territoriais adquire cada vez mais importância, convertendo-se em maior número de publicações. Crozat (2016, p. 20) reforça que “a música nos dá uma relação fictícia com horizontes a priori identitários, mas quase sempre espacializados: raras são as produções musicais que não estão ligadas a espaços muito bem definidos”. A música é a imagem dos lugares e apresenta a experiência de vida nestes. O autor ainda complementa expondo que, ao oferecer um campo de referências, a música promove a transformação do espaço em território, criando identidades territoriais.

Na esteira de possibilidades, a abordagem geográfica da música abre-se para o estudo de importantes eventos culturais tendo as canções como seu principal produto. Entre esses eventos estão os festivais em suas cenas musicais, apresentando uma demarcada espacialidade, favorecendo as investigações.

### **3 | OS FESTIVAIS DE ROCK E A CONSTRUÇÃO DE CENAS MUSICAIS**

Como proposta de experiência única no tempo e espaço, os festivais ocorrem em várias partes do mundo, tornando-se cada vez mais numerosos. Por definição, festivais são eventos que podem estar associados a diversas ações humanas, por celebrar o sagrado ou



profano, o tradicional ou inovador, artes que reforçam os costumes ou que propõem novos conceitos. Cudny (2014) ressalta que os festivais já eram conhecidos desde a antiguidade, mas, floresceram a partir dos anos 1960.

Segundo o autor, “o desenvolvimento do festival acompanhou a ascensão social, as mudanças na gestão do tempo de lazer e surgimento de sociedades pós-industriais em busca de novas e intensas experiências” (CUDNY, 2014, p.132).

Os festivais de música podem ser classificados como eventos, que segundo Getz (2012), são fenômenos com duração temporal definida, em espaço aberto ou fechado. “O evento é sempre presente, mas o presente não é obrigatoriamente o instantâneo. Daí decorre a ideia de duração, isto é, do lapso de tempo em que um dado evento, guardando suas características constitucionais, tem presença eficaz.”, assevera Santos (2006, p. 96-97).

Os festivais representam uma parte importante da rede de distribuição da música independente e da produção de afetos, compondo uma organização maior, definida como *cena*. De acordo com Janotti Jr. e Pires (2011, p. 11), cena é um conceito que “foi largamente utilizado por jornalistas, nas décadas de 80 e 90, para conceituar as práticas musicais presentes em determinados espaços urbanos e seus desdobramentos sociais, afetivos econômicos e culturais”. O conceito de cena tratado inicialmente por Straw (1991), foi caracterizado pelo autor como uma materialização no espaço de práticas musicais que interagem entre si, trata desde as questões econômicas, às questões afetivas no processo de produção e consumo da música.

Com o processo de globalização e conseqüente mundialização da cultura, impulsionada pela evolução do sistema informacional, essencialmente com o advento da *internet*, era necessária uma reelaboração do conceito de cena, que fosse capaz de abarcar as novas relações de produção-distribuição-consumo da música, inclusive por meio de redes sociais. Assim, Bennet e Peterson, ao admitir a variedade de cenas possíveis, vê a possibilidade de agrupá-las em três grupos distintos

A primeira **cena local** corresponde mais de perto a noção original de uma cena agrupada em torno de uma área geográfica específica foco. A segunda **cena translocal** refere-se a cenas locais amplamente espalhadas atraídos para comunicação regular em torno de uma forma distinta de música e estilo de vida. A terceira, a **cena virtual**, é uma formação recém-emergente, na qual, pessoas espalhadas por grandes espaços físicos, criam a sensação de cena via fanzines e, cada vez mais, através da Internet (BENNET E PETERSON, 2004, p. 6-7, **grifo nosso**).

Apresentando importantes aspectos da cultura, os festivais são destacáveis eventos a propiciarem a compreensão de elementos da cultura contemporânea. Cudny (2016) reforça que, o crescente interesse de pesquisadores pela cultura, também favoreceu o desenvolvimento de estudos sobre eventos e festivais nas últimas décadas do século XX.

Um elemento importante a ser ressaltado nos festivais é a experiência, sendo algo

de destaque para o sucesso desse tipo de evento. Os festivais têm como a essência de sua proposta serem organizados como experiência nova e singular (CUDNY, 2016). Quem vai a um festival espera experimentar emoções e sentimentos que se conectam em uma atmosfera espaço-temporal previamente organizada. Os festivais de rock articulam-se nesse intuito.

O maior festival de rock no Brasil, obtendo reconhecimento internacional, é o *Rock in Rio*, criado no ano de 1985, com a nonagésima edição marcada para setembro de 2019. De acordo com Ruas (2013, p. 72),

entre os dias onze e vinte e um de janeiro de 1985 em um terreno de duzentos e cinquenta mil metros quadrados construído especialmente para abrigar o festival, em Jacarepaguá/RJ, também conhecido como a “Cidade do Rock”, aconteceu a primeira edição do festival.

Foi esse importante festival brasileiro que provou que existia um público de rock no Brasil. Piccoli (2008) reforça que antes do *Rock in Rio*, os produtores de evento e a mídia não haviam detectado um público jovem ávido por consumir esse estilo de música. O festival causou grande impacto sobre o cenário da música brasileira, redirecionando a produção musical e a ação da mídia.

O gênero musical que hoje anima os festivais de música marcando a irreverência da juventude por todo o planeta nasceu nos pós-guerra nos Estados Unidos. Como destaca Gatto (2011), a estrutura rítmica e melódica do rock deve muito ao blues, música de origem escrava cantada em meio ao trabalho no campo. A façanha de criar o termo rock and roll é creditada a Alan Freed, que no início dos anos 1950 promovia festas de discotecagem na cidade estadunidense de Cleveland (GATTO, 2011).

Os festivais são importantes produtos culturais a evidenciarem a riqueza da cultura local, regional, ou ainda global. Segundo Cudny (2016, p. 13),

Os festivais fazem parte da cultura não material, pois apresentam arte, costumes e simbolismo cultural. Podem ser uma emanção da cultura local ou regional (pequenos, por exemplo, festivais baseados na comunidade ou regionais), mas também da cultura global (cinema em larga escala ou festivais de música).

Apresentando-se como um processo material, com uma cronologia definida e um espaço delimitado, uma dimensão importante dos festivais é a sua representação simbólica como produto de uma cultura. Tuan (1980) ressalta que a percepção humana do espaço é construída amparada por todos os sentidos, constituindo a configuração que guardamos em nossas mentes. Os festivais de música garantem a possibilidade de experimentarmos novas territorialidades elaboradas em torno da música. Novas representações do espaço são articuladas nesses territórios fluídos, compostos por um estilo de música e vestuário que remetem à transgressão da ordem social vigente. Conforme Haesbaert (2004), um território, em uma de suas vertentes, é o produto da apropriação simbólica de determinada

grupo. Analisar as características concretas e subjetivas dos territórios dos festivais é uma postura investigativa amparada pela concepção de que, todo território é ao mesmo tempo um conjunto indissociável funcional (relações de produção, trabalho) e simbólico (representações, simbolismos), como defende Haesbaert (2004).

Apesar da impressão de que os serviços de *streaming* de música<sup>1</sup> e a grande circulação do formato MP3, impulsionados pela internet, promovem o transcurso de desterritorialização da música, o que de fato acontece, é que ainda há uma forte relação entre a produção musical e o espaço em que se consome esse produto cultural. Assim, a música ainda mantém forte relação com os territórios, o que pode ser evidenciado pelos festivais de rock alternativo, que de Goiânia-GO, passaram a ocupar várias cidades do país, inclusive no interior goiano.

#### 4 | OS FESTIVAIS DE ROCK ALTERNATIVO EM PORANGATU E URUAÇU

No interior de Goiás, ambiente famoso por lançar no mercado fonográfico, duplas sertanejas, Porangatu e Uruaçu são duas espacialidades em que as bandas de rock criam suas territorialidades efêmeras. As duas cidades do norte goiano compartilham o fato de sua expansão urbana estar associadas à criação da BR-153, bem como dividem a experiência de realizar festivais de rock pelo interior goiano. Sendo realizados desde 2009 em Porangatu, os festivais de rock alternativo, sempre com a participação de canções autorais, serviram de inspiração aos roqueiros de Uruaçu. Desse modo, o *Goyazes Festival*, realizado em Porangatu mantém estreita relação com o festival *Gaffurina*, que acontece todos os anos em Uruaçu, desde 2012.

Os festivais de rock independente que acontecem pelo interior de Goiás criam verdadeiros movimentos de resistência em favor da música alternativa. Distante do grande eixo Rio - São Paulo, estes festivais são um manifesto em favor da diversidade musical, e portanto cultural, do estado de Goiás. Ao evidenciar no espaço as identidades alternativas daqueles que propõe e participam dos festivais, estes nos indicam a proposta de dar visibilidade a movimentos culturais que expõem toda a diversidade cultural que por vezes é obscurecida por uma enganosa homogeneidade cultural.

Contudo, ao se tratar do rock alternativo em cidades do interior, se faz necessário destacar a cena musical constituída em Goiânia, onde, desde os anos 1980, o *punk rock* já ocupava a paisagem sonora da capital do estado (Carrijo, 2011). Mas, como retrata Bevenides (2008), o ano de 1995, mesmo ano em que a capital goiana buscava preencher uma lacuna identitária a partir da outorga do estilo *country*, era criada a primeira edição do festival *Goiânia Noise*, que em 2019, completa 25 edições. A partir de então, Goiânia seria considerada a “Seattle brasileira<sup>2</sup>” (Carrijo, 2011), por ganhar representatividade no

1 O serviço de *streaming* de música refere-se à distribuição desse conteúdo, em formato digital, sem o download de dados para o computador do usuário. São importantes provedores desse tipo de serviço empresas como *Spotify* e *Deezer*.  
2 O termo associado à cidade de Goiânia faz referência à cidade dos Estados Unidos que se tornou referência mundial

cenário nacional como espaço da música independente no Brasil. Bandas de rock que não tinham lugar para tocar, foram construindo *pubs* pra esse fim e aqueles que não tinham onde gravar suas músicas, resolveram gravá-las por conta própria e Goiânia passou a se notabilizar pelas bandas e shows de rock (BEVENIDES, 2008).

Da estabelecida cena musical em Goiânia, baseada no rock, coletivos culturais e bandas da capital fazem um “rolê” pelo interior do estado, promovendo territorialidades fluidas e efêmeras. Segundo Herschmann (2013), o conceito de cena sugere relações de maior fluidez, num contexto de informalidade, ressaltando o protagonismo dos atores sociais. Coletivos culturais, bandas e público em um processo colaborativo estabelecem novas territorialidades por meio da música. Na figura 1, o Festival Gaffurina, realizado em Uruaçu, demonstra como o evento cria novos simbolismos para o espaço urbano em delimitado tempo e espaço. O coreto da praça, onde tradicionalmente cantavam os corais da igreja recebe luzes coloridas transformando-se em um palco, de onde emana o vigor do rock’n’roll.



Figura 1 – Festival Gaffurina

Fonte: Do autor, 2014

No Brasil, quem está a cargo de favorecer a difusão e organização de festivais independentes no país, na expectativa de promoção de um calendário nacional de festivais, é a Rede Brasil de Festivais, criada em 2012, em substituição à ABRAFIN (Associação Brasileira de Festivais). Em carta, treze festivais que ao saírem da ABRAFIN causaram a sua implosão para a criação da Rede Brasil de Festivais, fizeram duras críticas à associação (BRAGATTO, 2012). Porém, discussões à parte, a associação de festivais objetiva a

---

neste cenário da música alternativa.

3 Gíria comumente utilizada por bandas de rock alternativo, que denota um caráter despretensioso quanto à remuneração financeira, durante a atuação em turnês por festivais.

elaboração de redes que possam destacar o trabalho de bandas independentes. Além da rede de festivais, impulsionada por essa associação, vale ressaltar as ações do Grito Rock, festival colaborativo, que democratiza o acesso a tecnologias sociais, incentivando a criação de festivais em várias partes do país (GRITO FESTIVAL, 2019). Foi por meio dessa iniciativa que os festivais de rock independente chegaram a várias cidades do interior do país, como em Porangatu e Uruaçu, em Goiás. A seguir, apresentamos um mapa dos municípios do interior goiano que realizaram festivais apoiados pela plataforma Grito Rock (fig. 2).

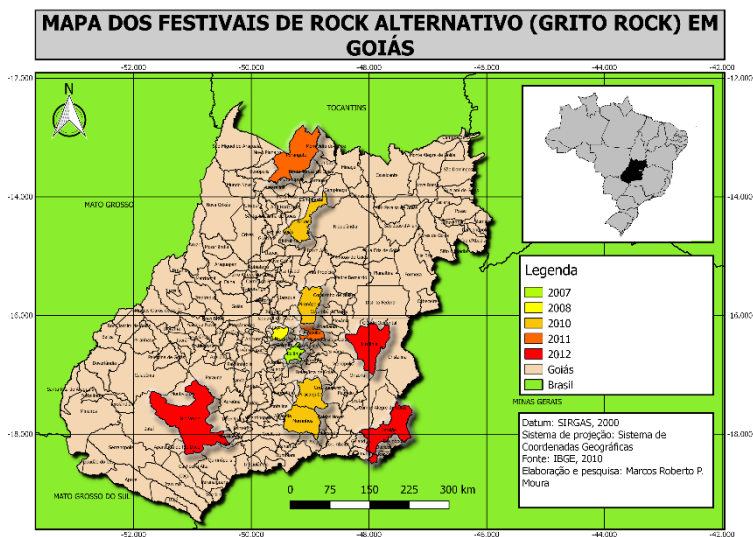


Figura 2 – Mapa dos festivais de rock alternativo em Goiás

Fonte: Do autor, 2019.

Os festivais de rock, ao ocuparem o espaço urbano das cidades de Porangatu e Uruaçu, territorializam essas áreas promovendo novos significados e simbolismo, configurando novas identidades, ainda que a construção social desses espaços culturais seja de forma efêmera. Sack (2013, p. 63) postulava que a territorialidade “é uma poderosa estratégia geográfica de controlar pessoas e coisas por meio do controle da área”. Assim, se territorialidade envolve uma forma de classificação de área (SACK, 2013), os citados festivais ocupam praças e espaços fechados, classificando-as como ambiente de apropriação de culturas da música alternativa. Se territorialidades devem apresentar algum tipo de comunicação, que demarque limites e fronteiras (SACK, 2013), a fluidez dos territórios de festivais como esses, estabelece limites simbólicos configurados pelos estilos dos visuais dos participantes e seu modo de agir, bem como um gênero musical divergente em relação às práticas musicais dominantes. E se as territorialidades se relacionam a impor

controle sobre uma área e as coisas dentro desta (SACK, 2013), os festivais independentes em Porangatu e Uruaçu, apesar de serem realizados com entrada gratuita, muitas vezes no espaço de uma praça aberta, estabelece um controle simbólico, direcionando interações esperadas.

Não são numerosos os trabalhos que tratam dos festivais alternativos de música no campo da Geografia e o espaço desse artigo é restrito para maiores elucidações. Contudo, reforçamos a necessidade de se reconhecer o papel desses festivais e suas territorialidades, bem como a atuação desses grupos culturais na elaboração de cenas musicais, o que nos trará a possibilidade de trazer à luz, formas alternativas de produção e apropriação do espaço urbano quanto às práticas culturais.

## 5 | CONCLUSÃO

Os avanços alcançados pela geografia da música são consideráveis em países europeus e nos Estados Unidos. No Brasil, essa evolução ocorre de forma um pouco mais lenta, apesar de ser promissora. O número de publicações e eventos associados a essa temática ampliam-se no mundo, mas também no Brasil.

Apesar de ser um tema que tradicionalmente foi abordado por antropólogos e sociólogos, os festivais começam a ser pesquisados por geógrafos, que enxergam nesse tipo de evento as condições propícias para a pesquisa a respeito da elaboração e reelaboração de identidades.

As territorialidades dos festivais de música independente promovem a construção, ainda que efêmera, com definidas condições de tempo e espaço, de espaços de resistência, onde grupos minoritários exercem sua capacidade de questionamento aos gêneros musicais dominantes. Novos significados são dados ao espaço. Por fim, coloca-se como intenção a colaboração para o incentivo de mais trabalhos, que no âmbito da geografia, possam pesquisar a pulsante articulação dos festivais de música.

## REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Rubens De Freitas. **Cenários modernos e pós-modernos no Brasil: juventude, política e rock-and-roll.** 351 f. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Departamento de Sociologia, 2008.

BRAGATTO, Marcos. **Rock em geral.** Disponível em: <http://www.rockemgeral.com.br/2011/12/14/abrafin-festivais-sairam-porque-nao-se-sentiam-representados/> Acesso em 03 de fevereiro de 2019.

CARNEY, George. Music Geography. **Journal of Cultural Geography.** Vol.18: p.1-10, 1998.

CARRIJO, Aline Fernandes. **Goiânia, Seattle brasileira?** A construção das cenas de rock alternativo no Brasil. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011, p. 1-15.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**: o estado da arte. In: Corrêa, R. L. & Rosendahl, Z. (orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 59-97.

CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (orgs.): **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COSGROVE, D. **A geografia está em toda parte**: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs) In: *Paisagem, Tempo e Cultura*. EdUERJ. 2ªed. 2004.

CROZAT, Dominique. Jogos e ambiguidades da construção musical das identidades espaciais. In: DOZENA, Alessandro. (Org.). **Geografia e Música: Diálogos**. Natal: EDUFRN, 2016. p. 13-48.

CUDNY, Waldemar. Festivals as a subject for geographical research, **Geografisk Tidsskrift-Danish Journal of Geography**, Vol. 114, No. 2, p.132–142, 2012.

\_\_\_\_\_. *Festivalisation of Urban Spaces: Factors, Processes and Effects*. Cham: Springer, 2016.

GATTO, Vinicius Delangelo Martins. **Rock Progressivo e Punk Rock** uma análise sociológica da mudança na vanguarda estética do campo do rock. 2011, 134 p. (Dissertação) Mestrado em Sociologia, Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UNB), Brasília.

GRITO ROCK. Disponível em: <https://gritofestival.org/> Acesso em 12 de janeiro de 2019.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HERSCHMANN, Micael. Cenas, Circuitos e Territorialidades Sônico-Musicais. In: SÁ, Simone Pereira de JANOTTI JUNIOR, Jeder (Orgs.). **Cenas musicais**. São Paulo: Anadarco Editora, 2013.

JANOTTI JR, Jeder Silveira e PIRES, Victor de Almeida Nobre. Entre os afetos e os mercados culturais: as cenas musicais como formas de mediatização dos consumos musicais. JANOTTI JR, Jeder Silveira; LIMA, Tatiana Rodrigues; PIRES, Victor de Almeida Nobre (orgs.) **Dez anos a mil**: Mídia e Música Popular Massiva em Tempos de Internet. Porto Alegre: Simplíssimo, 2011.

KONG, L. Popular Music in Geographical Analyses. **Progress in Human Geography**, v.19. p.183-198. 1995.

LEYSHON, Andrew; MATLESS, David; REVILL, George. **The place of music**. New York: Guilford Press, 1998.

PANITZ, Lucas Manassi. Por uma geografia da música: um panorama mundial e vinte anos de pesquisas no Brasil. **Para Onde!?**, Volume 6, Número 2, p. 1-10, jul./dez. 2012.

\_\_\_\_\_. *Redes musicais e [re]composições territoriais no Prata: por uma Geografia da Música em contextos multilocalizados* / Lucas Manassi Panitz. 423 f. (Tese de Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2017.

PICCOLI, Edgar. **Que rock é esse?** : a historia do rock brasileiro contada por alguns de seus ícones. SP, Globo, 2008.

PINTO, Tiago de Oliveira. **Som e música**: Questões de uma Antropologia Sonora. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 44 nº 1, p. 221-286, 2001.

REYNOSO, Carlos. **Antropología de la música**: De los géneros tribales a la globalización. Volumen I: Teorías de la simplicidad. Buenos Aires: Editorial Sb, 2006.

RUAS, Rayane. **Festivais musicais**: um estudo sob a ótica do turismo. 197 f. Dissertação (mestrado). Universidade de Brasília. Centro de Excelência em Turismo, Mestrado Profissional em Turismo, 2013.

SACK, Robert. O significado de territorialidade. In: DIAS, Leila Christina; FERRARI, Maristela (Orgs.). **Territorialidades humanas e redes sociais**. 2. ed. rev. Florianópolis: Insular, 2013, p. 63-90.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 2006.

STRAW, Will. Systems of Articulation, Logics of change: Scenes and Communication in Popular Music. **Cultural Studies**. Vol 5, n. 3, p. 368-388, Oct. 1991.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difusão Editorial, 1980.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Ambiental 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 71

Análise 13, 23, 36, 45, 60, 64, 68

Aprendizagem 61, 62, 63, 65, 69, 70, 71

Ativas 20, 61, 62, 63, 64, 65, 69, 70

### B

Brasil 2, 3, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 34, 36, 38, 40, 42, 44, 45, 49, 55, 59, 60, 62, 69

### C

Cartografia 65, 66, 68, 69, 70

Caso 1, 3, 9, 11, 13, 25, 30, 59, 63

Cidade 7, 40

Conhecimento 49, 50, 59, 62, 63, 64, 65, 67, 70

Contexto 1, 13, 23, 42, 63

Covid 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 22, 23, 24

### D

Desenvolvimento 1, 7, 8, 12, 25, 33, 39, 48, 50, 51, 52, 58, 62, 64, 65, 71

Dinâmica 1, 2, 63

### E

Educação 17, 18, 19, 22, 24, 47, 48, 61, 62, 63, 64, 69, 70, 71

Empresa 20, 51

Ensino 5, 18, 19, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 70, 71

Espaço 1, 7, 23, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 64, 66, 67, 68, 69, 70

Estado 2, 3, 8, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 25, 29, 30, 31, 33, 34, 41, 42, 45, 48, 61, 71

Estudo 1, 13, 18, 34, 36, 37, 38, 46, 59, 60, 64, 65, 69

### F

Fonte 15, 18, 19, 20, 21, 42, 43, 47, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 65, 66, 67, 68

Formação 3, 39, 51, 63

Fronteira 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 58, 59

## **G**

Geografia 8, 17, 23, 34, 36, 37, 38, 44, 45, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71

Geográficas 4, 29, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 57, 58

Governo 1, 8, 9, 11, 12, 17, 22

## **H**

Humano 3, 26, 34, 50, 51, 65, 68

## **I**

Identidade 35

Importância 2, 7, 38, 50, 51, 58, 63, 64

Investigação 37, 38, 48, 60

## **L**

Lugar 42, 50, 59, 64, 66, 69

## **M**

Mapa 20, 23, 33, 43, 52, 53, 56, 57, 58, 65

Metodologia 1, 2, 5, 52, 63, 70

Município 2, 4, 5, 7, 48

Música 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46

## **O**

Organização 3, 6, 8, 9, 10, 14, 16, 22, 39, 42, 48, 52, 62

## **P**

Pandemia 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24

Pesquisa 1, 2, 5, 6, 12, 15, 22, 23, 34, 35, 36, 37, 44, 47, 50, 51, 55, 59, 61, 70, 71

## **R**

Relação 2, 6, 16, 17, 18, 20, 21, 36, 37, 38, 41, 43, 63, 66

Religião 2, 3, 59

Religioso 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8

Rock 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 45

## **S**

Santos 1, 39, 46, 47, 64, 70


Sociedade 3, 48, 51, 63, 64, 66, 68, 69

## T

Terra 4, 52, 64


Trabalho 7, 9, 17, 18, 34, 36, 37, 40, 41, 43, 47, 50, 58, 63, 70

Turismo 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 28, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 56, 58, 59, 60

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# Geografia:


A superfície do planeta Terra  
em análise 2



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# Geografia:

A superfície do planeta Terra  
em análise 2

